

| 22 | MEGAEVENTOS E METRÓPOLES: PROJETOS EM DISPUTA

Glauco Bienenstein

Os megaeventos esportivos constituem uma realidade, na pauta urbana contemporânea, repercutindo, sobremaneira, tanto na gestão quanto na produção das metrópoles mundo afora. Nesse sentido, constitui um importante elemento do atual processo urbano em curso, cujos destinos parecem estar consideravelmente vinculados à dinâmica da acumulação a qual, por sua vez, encontra-se predominantemente orientada pela financeirização globalizada. No caso brasileiro, desde que o País e, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro conquistaram o direito de sediar a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, muito tem sido escrito e discutido sobre o assunto. A esse respeito vale destacar o caso dos Jogos Pan-americanos de 2007, que foi um dos casos estudados por um grupo de pesquisadores brasileiros de diversas universidades, por intermédio de uma pesquisa de amplitude nacional intitulada: “Grandes projetos de desenvolvimento urbano: o que se pode aprender da experiência brasileira?”. Além de dar continuidade às pesquisas que vêm sendo realizadas, por um grupo ainda mais ampliado de pesquisadores e/ou professores que vêm trabalhando com a temática, esta proposta de realização de uma sessão livre sobre “Megaeventos Esportivos e as Metrôpoles: projetos em disputa” tem como principal objetivo refletir sobre questões emergentes no atual contexto da dinâmica dos diversos processos de implementação das iniciativas vinculados tanto à Copa de 2014, nas cidades-sede, quanto às Olimpíadas, na cidade do Rio de Janeiro, marcados pela violenta territorialização dos projetos de cidade, suas dinâmicas e conflitos. Avalia-se que esta iniciativa se justifica, tendo em vista que o presente momento oferece um rico manancial de possibilidades de investigação, à medida que dele emergem novas questões, as quais, por sua vez, abrangem novas e dimensões que recolocam desafios teóricos e políticos à pesquisa sobre os megaeventos, aqui compreendidos como importantes elementos da agenda urbana atual. Assim sendo, parte-se do princípio de que desvelar e tratar dos conteúdos de tais questões encarna o desafio daqueles que se identificam com uma perspectiva crítica na análise do processo urbano contemporâneo, destes tempos de desmedida empresarial. Desse modo, esta proposta de sessão livre abarca quatro eixos de discussão. São eles: (1) Megaeventos e cidades: experiências e tendências contemporâneas – Londres e Rio de Janeiro; (2) Megaeventos e cidade: o projeto urbano e sua gramática territorial e simbólica; (3) Quem é quem na construção da Cidade Olímpica? Novas institucionalidades e novos sujeitos da coalizão do projeto de cidade e (4) Entre o poder e o querer: os movimentos sociais e suas lutas no processo de implementação de megaeventos. Tais eixos são abaixo indicados juntamente com seus respectivos expositores que representam coletivos sociais e científicos de cidades-sede de jogos da Copa de 2014, com especial atenção para o caso do Rio de Janeiro que, como é sabido, é palco de diversas intervenções voltadas à construção da “cidade olímpica”.

Palavras-chave: Megaeventos; Metrôpole; Processo urbano.

MEGAEVENTOS E CIDADE: EXPERIÊNCIAS E TENDÊNCIAS

CONTEMPORÂNEAS – LONDRES E RIO DE JANEIRO

Gilmar Mascarenhas

Resumo

Como em Barcelona 1992, o projeto dos Jogos de Londres foi concebido no âmbito de uma gestão local de esquerda, que sofreu posterior redefinição (embora bem menos intensa em Londres) e está focado na regeneração urbana em antiga zona “desindustrializada”, Stratford, além do efetivo investimento na melhoria do sistema metropolitano de transportes públicos na “periferia”. O que, todavia, não o redime de contradições e dúvidas sobre o legado futuro: o Parque Olímpico tem ainda destino incerto, e o processo de renovação urbana e valorização imobiliária poderá atingir Stratford (com baixo índice de remoções), numa extensão rumo ao norte do processo de Canary Wharf, que gentrificou de forma violenta trecho da antiga zona portuária. Em que medida os Jogos de 2012 se inserem no projeto maior, gestado nos anos do “thatcherismo”, que visou tornar Londres a neoliberal “global city”? O projeto do Rio de Janeiro, por sua vez, mais se assemelha ao modelo Pequim 2008, pela monumentalidade, orçamento vultoso, reduzidos canais de diálogo com a sociedade civil (embora em ambiente político-institucional bem mais favorável aos movimentos populares do que na China) e alto índice de despejos violentos. Concebido no auge da vigência do empreendedorismo urbano no governo local, e influenciado pela era neodesenvolvimentista no Brasil, o projeto terá grande impacto na materialidade urbana, acirrando contrastes socioespaciais, ao se vincular diretamente aos interesses do setor imobiliário, sendo por isso alvo de críticas e de mobilização da sociedade civil organizada. Ambos os projetos dialogam com o “modelo Barcelona”, ainda que de forma distinta.

Palavras-chave: Megaeventos esportivos; Londres; Rio de Janeiro.

MEGAEVENTOS E CIDADE: O PROJETO URBANO E SUA GRAMÁTICA TERRITORIAL E SIMBÓLICA

Fernanda Sánchez

Resumo

Propõe-se uma reflexão a partir da análise de um conjunto de projetos emblemáticos que materializam a violenta territorialização do projeto de cidade para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Avalia-se o rol do marketing de cidade no conjunto das políticas, estratégias e projetos de transformação do Rio de Janeiro em cidade olímpica, bem como na busca dos meios necessários à sua atualização e legitimação. Mostra-se que a articulação de atores e escalas em torno ao projeto exige expressivo investimento simbólico, que utiliza o megaevento como um espetáculo em escala mundial visando à promoção da cidade mediante a construção e divulgação da “cidade marca”. O trabalho tem como recortes analíticos o reconhecimento da: (1) posição assumida pelos diversos atores, suas retóricas e disputas simbólicas; (2) gramática territorial, produção da imagem e justificações dos projetos relativos às áreas de intervenção olímpica. O monitoramento da marcha territorial das intervenções permite qualificá-las pelo seu poder de produzir diversos tipos de rupturas no espaço social. Estas também são identificadas como eloquentes símbolos que contribuem para consolidar e afirmar o projeto de cidade, vinculado ao aparato simbólico que caracteriza a “vez do Rio” como metrópole dos megaeventos. Mostra-se necessário desafiar este projeto, no plano da crítica, como motivador das transformações urbanas que constroem e afirmam a cidade mercadoria, enquanto geram conflitos.

Palavras-chave: Megaeventos; Cidade; Jogos Olímpicos.

QUEM É QUEM NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE OLÍMPICA? NOVAS
INSTITUCIONALIDADES E NOVOS SUJEITOS DA COALIZÃO DO PROJETO DE
CIDADE

Nelma Gusmão

Resumo

A produção do espetáculo esportivo, quando se converte em estratégia de desenvolvimento vinculada ao modelo de gestão empresarial da cidade, se revela capaz de produzir ampla mobilização de capitais econômicos, políticos e simbólicos, resultando em rupturas e realinhamentos nas diversas dimensões do espaço social nos territórios onde é recebido. A apresentação explora as relações de poder envolvidas na convergência entre dois universos sociais distintos, aquele onde se produz o espetáculo esportivo e aquele onde se produz a cidade, e as rupturas na dimensão político-institucional resultantes desse encontro. A partir de uma perspectiva que leva em conta a transescalaridade dos fenômenos sociais, a exposição se concentrará nos preparativos para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, como principal objeto de observação na escala local, buscando enfatizar o entendimento das estratégias, disputas e coalizões entre sujeitos individuais e coletivos que constituem os grupos hegemônicos dentro desses dois universos. Os dados analisados sugerem que, ao se constituir como universo social relativamente independente em relação a pressões externas, o espetáculo esportivo funciona como um meio para a radicalização do autoritarismo inerente às práticas neoliberais de gestão urbana, viabilizando assim a completa submissão da cidade e seus habitantes às pressões do capital.

Palavras-chave: Poder; Política urbana; Coalizões.

ENTRE O PODER E O QUERER: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUAS LUTAS NO
PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE MEGAEVENTOS - A COPA 2014 EM
FORTALEZA (CE): OS MORADORES DAS COMUNIDADES DO TRILHO E A
CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UMA HISTÓRIA DE LUTAS E RESISTÊNCIA

Francisca Silvânia de Sousa Monte

Resumo

A preocupação com os impactos das obras da Copa 2014 na cidade de Fortaleza fez com que os moradores de diversas comunidades se mobilizassem e se organizassem para lutar contra as remoções previstas nos projetos em preparação para a Copa. Um destes projetos, o Veículo Leve Sobre Trilhos (VLT), que visa interligar a rede hoteleira de Fortaleza com o Estádio Castelão, removerá cerca de 5.000 famílias e é o que causa maior apreensão às famílias. Há tempos, essas comunidades acumulam um histórico de resistência e de luta por conta da pressão que a especulação imobiliária lhes impõe. Diante da hipótese de verem a

história se repetir, os moradores à margem do Trilho, localizados no traçado previsto para o VLT, começaram a se reunir e a discutir os problemas com as outras comunidades em semelhante situação, motivando a criação do “Movimento de Luta em Defesa da Moradia” (MLDM), que há mais de dois anos luta contra as remoções associadas às obras da Copa do Mundo em Fortaleza. As comunidades, como resultado da ação do MLDM e do apoio de diversos grupos, realizaram assembleias, participaram de audiências públicas na Câmara dos Deputados e Câmara Municipal, fizeram passeatas, realizaram atividades artísticas e culturais, fecharam avenidas e ruas; e, participaram e organizaram seminários e eventos para debater os impactos negativos da Copa do Mundo de 2014 em Fortaleza. Desta maneira, a organização e a mobilização popular brotaram como meio de recuperar a capacidade ativa do povo na luta por seus direitos.

Palavras-chave: Movimentos sociais; Mobilização; Megaeventos.

ENTRE O PODER E O QUERER: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUAS LUTAS NO
PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DE MEGAEVENTOS - REMOÇÕES
FORÇADAS E CALMARIAS POLÍTICAS EM PORTO ALEGRE

Felipe Drago

Resumo

A Copa do Mundo FIFA de 2014 terá Porto Alegre como uma das cidades-sede. A previsão de “remoções forçadas” para obras de mobilidade chega a aproximadamente cinco mil famílias. Destas, pelo menos 1/3 já está em novo local e sofre com a precarização da vida, contrariando as promessas da Prefeitura Municipal. Questionando as remoções, surgem os Comitês Populares da Copa, em todo o Brasil. Hoje o CIDADE participa do Comitê Popular da Copa do (bairro) Cristal, único plenamente constituído na cidade a partir da articulação de setores populares com ameaça iminente de remoção por conta da duplicação da Av. Moab Caldas (Av. Tronco) com outras organizações sociais. Organiza-se sob a bandeira “chavepor-chave”, através da qual questiona, antes de tudo, os programas urbanos de remoção forçada e busca proposições autônomas para solucionar seus problemas. Os principais programas urbanos de remoção dos locais de intervenção são: desapropriações, Aluguel Social, Bônus Moradia e Casas de Emergência. A avaliação de que sua utilização é autoritária, além de causar insegurança socioeconômica e suspender o direito à moradia digna, são os principais elementos mobilizadores das ações. O comitê tem agido, principalmente, com acionamento jurídico, se atendo à ideia de resposta com uma força similar, mas de “sinal contrário” e tem encontrado limites para a ação, pois a Prefeitura tem utilizado estratégias conscientes de “neutralização” de suas ações.

Palavras-chave: Copa do Mundo; Instrumentos de remoção forçada; Confronto político.